

## ESCRITA E SEMIOLOGIA

## WRITING AND SEMIOLOGY

Raquel Basílio

Universidade Federal da Paraíba

raquel.basilio@gmail.com

### RESUMO:

A relação entre Semiologia e Escrita apresenta uma reflexão necessária sobre os processos de atualização da linguagem por meio da incessante produção de sentido. A fim de preencher a lacuna bibliográfica sobre a escrita do ponto de vista sistêmico no seio das recentes pesquisas sobre a linguagem, recorreremos aos escritos de F. de Saussure (1879-1916) publicados por J. Starobinski (1971). A construção dos dados de análise ocorreu por meio da delimitação dos documentos essenciais ao tema dentro do quadro teórico/filosófico saussuriano. Os documentos analisados neste artigo apontam, inicialmente, para o componente anagramático como um modo de compreender a escrita como sistemas semiológicos produtores de significação.

**PALAVRAS-CHAVE:** semiologia; anagramas; escrita; texto.

### ABSTRACT:

The relation between Semiology and Writing presents a necessary reflection about the updating processes of language by means of the incessant production of meaning. In order to fill the bibliographic gap about the writing under the systemic point of view within the most recent researches about the language, we resort to the pieces of written work of F. de Saussure (1879-1916) published by J. Starobinski (1971). The construction of the analysis data happened through the delimitation of essential documents to the theme within the theoretical/philosophical saussurian picture. The analysed documents in this article points out, initially, to the anagrammatic component as a way to understand the writing as semiological systems which produce meaning.

**KEYWORDS:** semiology; anagrams; writing; text.

## Inicialmente, os papéis e o recorte

“Mas o que é a língua separada do discurso?” (SAUSSURE, 1096-1909/1974, p. 12). Questões dessa ordem levam Saussure a desenvolver uma série de pesquisas e indagações apresentadas de forma concisa e lacunar em seus famosos três cursos ministrados em Genebra que serviram de ponto de partida para a edição de 1916 do *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG).

O trabalho inaugural realizado por Robert Godel, *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand Saussure* (1956), abriu portas para a pesquisa do *corpus*<sup>1</sup> saussuriano imprimindo outro modo de ler a reflexão do professor (KIM, Sung-Do, 2008, p. 23-42). Diversos trabalhos realizados consolidam as (re)leituras que se seguiram aos esforços de Godel. Podemos citar, dentre tantos, a edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler (doravante ELG) como um marco destes estudos que constantemente revestem de um novo valor o pensamento saussuriano, diverso do valor elaborado pelo Estruturalismo que nasceu tendo como base o CLG.

O conjunto dos documentos relacionados ao pensamento de Saussure, - a saber, cartas, cadernos, anotações avulsas, rascunhos, projetos para artigos e livros, entre tantos outros -, apresentam, para além da figura do professor, um pesquisador inquieto e voraz, interessado em diferentes aspectos da linguagem humana, como a escrita poética, como veremos adiante. Tais documentos nos deixam diversas indagações, como por exemplo: Qual é o desdobramento da teoria/filosofia saussuriana para os estudos sobre a linguagem? A qual noção de textualidade podemos nos referir quando tratamos do texto escrito a partir da Semiologia?

Iniciaremos nossa reflexão sobre semiologia e escrita abordando os textos publicados por Jean Starobinski em 1971, com o título *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure* (doravante ANAGRAMAS), referente ao estudo de textos literários classificados por R. Godel e arquivados na Biblioteca Pública de Genebra. Juntos, somam mais de uma centena de

---

<sup>1</sup> Segundo Rossitza Kyheng, em seu artigo intitulado *Principes Méthologiques de constitution et d'exploitation du corpus saussurien*, "corpus saussuriano" significa todos os textos de Ferdinand de Saussure (livros, artigos, notas, rascunhos, aulas, cartas, etc.), e nada mais que os textos que o autor é legítimo é Saussure. Enquanto a coleção saussuriana de documentos historicamente ligados à personalidade de Saussure, trata-se de um arquivo aberto que continuamente recebe textos de vários autores: os textos de Saussure, mas o texto do Curso de Linguística Geral e Bally Sechehaye, lembranças, cartas para Saussure, documentos de trabalhos identificados como pertencentes a outros autores, notas sobre a entonação da Lituânia, etc (KYHENG,2007)

cadernos e folhas preenchidos com exercícios de leitura dos versos latinos (ANAGRAMAS, p.7-9). Partimos do pressuposto de que tais estudos tinham o objetivo de compreender um pouco mais sobre a natureza dos sistemas semiológicos e revelam, até certo ponto, os princípios e o funcionamento do sistema de escrita<sup>2</sup>, particularmente da poesia latina.

## 1. Semiologia, o ângulo da dobradura

Aparentemente, Saussure passou os três cursos que deram forma à edição de 1916 se esforçando a conceder à jovem Linguística um aparato científico que incluía as questões primordiais das unidades e da natureza e do objeto (SOFIA, 2017, p. 179). Responder a estas questões permitiriam a realização do “corte epistemológico” ao qual Dosse se refere em sua pesquisa sobre o Estruturalismo como gesto essencial para o estabelecimento da Linguística como Ciência piloto do momento Estruturalista da história da ciência (BOUQUET, 2007, p. 81-88, 101-103). Porém, o próprio Saussure (ANAGRAMAS p. 11), ao que parece, não estava plenamente convencido de ter feito um trabalho completo, pois suas pesquisas sempre apontavam para a impossibilidade da nova ciência atender plenamente aos requisitos científicos das ciências naturais, modelo de cientificidade da época. (BACON, 2014 [1620]; POPPER 2007 [1934]; BOURDIEU, 1983, 2002, 2004; BASÍLIO, PEREIRA, MENEZES, 2016).

Por exemplo, o esforço feito em torno da definição das unidades da língua. O fato de os valores, produto do funcionamento linguístico da ordem do sentido e da significação, serem atualizados num fluxo constante, torna difícil delimitar qualquer unidade estável ou fixa, como o modelo científico das ciências naturais supõe. Desse modo, a questão que deveria ocupar grande parte dos trabalhos de Saussure não se restringia à unidade do objeto científico, mas de igual modo, à sua natureza (diferencial e negativa) e seu funcionamento (mecanismo de atualização) (CLG, p.119-129). Dessa forma, ao perguntar-se “o que é a língua separada do discurso?”, Saussure aponta para outro lugar científico: a Semiologia.

Saussure desenha uma nova ciência que poderia responder às questões epistemológicas inerentes às suas pesquisas sobre a linguagem. Para ele, os movimentos de produção de sentido, não permitem a abordagem científica

---

<sup>2</sup> A expressão *sistema de escrita* utilizada neste artigo refere-se ao funcionamento da escrita como sistema semiológico produtor sentidos, semelhante ao sistema da língua (ELG, p. 48).

conhecida. Perceber isso o leva a desenvolver outro paradigma científico que atenderia à complexidade do objeto.

A importância desse fato foi amplamente discutida pelo professor no artigo sobre *Whitney*, nas notas para um livro sobre Linguística geral, por exemplo (ELG, p. 259-266). Nestes textos, Saussure desenvolve seu projeto de uma ciência que permitiria compreender o funcionamento de todos os sistemas de significação que permitem/produzem a interação social (BRONCKART, BOTA, 2014c). A Semiologia, portanto, é a uma ciência transdisciplinar (CLG, p. 24; MOITA-LOPES, 1998) que apresenta:

- Sistemas de significação que possuem um princípio organizador baseado em dualidades: sincronia/ diacronia (tempo); mutabilidade/imutabilidade (transformação); semelhança/diferença (valor); individual/social (interação); significado/significante (signo) (CLG, p. 79, 85-89, 94-114).
- Sistemas que funcionam segundo leis ou princípios estáveis: o princípio da arbitrariedade dos signos, o princípio da negatividade dos signos e o princípio da linearidade dos significantes (CLG, p. 81-84; ELG, p. 65, 66)
- Sistemas ativos e produtivos cujas as atividades são organizadas no tempo e no espaço (CLG, p. 94-114, 205- 206, 221-254);
- Sistemas de significação que produzem sentidos a partir da (re)elaboração dos valores (CLG, p. 142-145, 148-152, 187-197).

O principal sistema semiológico a ser compreendido, segundo a visão de Saussure, é o sistema de língua. Isso decorre do fato que, diferente de outros sistemas, signos linguísticos são radicalmente arbitrários (CLG, p. 83), ou seja, em sua raiz não há motivações que não sejam do próprio sistema e permitidas pelo seu próprio funcionamento à imagem de um algoritmo (CLG, p. 152-155). Suas unidades se definem reciprocamente num movimento relacional. Um valor é a diferença resultante da soma de todos os demais valores do sistema, um valor é o que os outros não são (CLG, p. 129, 141; BOUQUET, 2000, p. 266). Esse princípio é a base ou o núcleo de todos os sistemas semiológicos já que é uma característica das unidades do sistema, os signos. O grau do arbitrário irá variar de sistema para sistema, incluindo os símbolos; e de contexto interacional em contexto interacional, incluindo o arbitrário relativo e o absoluto (ELG; p. 132; CLG; p. 152; ANAGRAMAS, p. 42, 105).

A primeira consequência do princípio da arbitrariedade dos signos semiológicos pode ser lida em uma longa nota em que Saussure escreve sobre a essência dupla da linguagem. Nela ele escreve os pares social/individual, diacronia/ sincronia e em que medida as dualidades estão ancoradas no princípio da arbitrariedade dos signos (ELG, p. 258). Resumidamente, Saussure afirma nesta nota que os signos, por serem arbitrários, não possuem a tarefa de nomear o real e, exatamente por isso, os significantes podem vir a significar outra coisa, dando vida aos sistemas semiológicos por meio da negatividade/diferença (ELG, p. 21-80). Segundo Giuseppe D’Ottavi, Saussure se inspirou na teoria da *apoha*, teoria linguístico-epistemológica desenvolvida no quadro do budismo indiano. O autor esclarece: “enquanto as correntes bramânicas tradicionais ensinam que as palavras se encontram numa relação direta (...) com o real, para os lógicos budistas, a essência da significação tem um caráter negativo, e as palavras não têm e nem podem ser vinculadas com os estados ou os objetos do mundo” (D’OTTAVI, 2014, p. 205, 206).

A segunda consequência importante é que, por serem arbitrário, os signos podem produzir sentidos quando imersos nos processos de interação<sup>3</sup>. O grau de consciência ou intenção existente nesses processos nunca é pleno ou absoluto, nos termos de Saussure, “escapa” (CLG, p. 25, 85, 105; ELG, p. 142). Escapar permite o deslizamento significante próprio da atividade discursiva. Sem isso, a língua não possui vida, ficando, pois, condenada à imobilidade.

O movimento dos signos no sistema, seu deslizar, está vinculado ao princípio da linearidade dos significantes que diz que “os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após outro; forma uma cadeia” (CLG, p. 84). O modo como os signos se apresentam em sua interação com os demais signos é linear, uma sucessão no tempo. Este princípio é apresentado no CLG, delimitando a imagem acústica. Porém, ele parece ter papel semelhante nos signos gráficos, como no caso aqui estudado da poesia latina, e também, supomos, em todas as espécies de sintagmas. Na verdade, a amplitude e a importância de sua aplicação aos demais signos/símbolos dos diversos sistemas semiológicos ainda precisa ser devidamente investigada.

Diferente de autores como S. Bouquet (2000), por exemplo, acreditamos que todas as pesquisas realizadas por Saussure estão interligadas pelo ponto de vista semiológico, que, semelhante a um mecanismo coesivo, permite a leitura da fragmentada filosofia/teoria saussuriana de forma integral, abandonando as

---

<sup>3</sup> Sobre os níveis de interação na filosofia/teoria saussuriana ler os trabalhos desenvolvidos por Bronckart sobre o signo linguístico (2003, 2010, 2014a, 2014b).

tradicionais divisões em torno dos seus documentos. Torna-se imprescindível, portanto, o aprofundamento do conhecimento sobre a natureza semiológica dos signos para o estudo da linguagem.

## 2. A primeira dobradura: língua é um sistema de valores puros

“A língua constitui um sistema de valores puros” (CLG, p. 95). Com esta única frase Saussure declara sua teoria/filosofia da linguagem em termos semiológicos, ou seja, a frase apresenta uma descrição da *natureza*, dos *princípios gerais* e do *funcionamento* das línguas naturais, resultante do estudo e de “observações sobre o conjunto das línguas, através do tempo e do espaço” (ELG, p. 265).

Analisemos um pouco os desdobramentos da frase *a língua é um sistema de valores puros*.

O termo *sistema* pertencera ao fundo conceitual da Linguística da época e estava no título de obras como *Ueber das Konjugationssystem* (1816), de Bopp. Além disso, o termo *sistema* também é encontrado na obra *La Vie du langage* (1875), quando Whitney fala do “sistema das vogais” da língua inglesa, e no título do famoso *Mémoire sur le système des voyelles* (1878) de Ferdinand de Saussure. Porém, o uso que Saussure faz do termo é reelaborado e ganha outro valor. Ele apresenta um modelo de sistema organizado em dualidades e que tem como traço identitário a negatividade e a diferença (COURSIL; 2016).

O sistema é um modo de organização da atividade de (re)elaboração de valores no tempo e nos espaços sociais e geográficos (CLG; p. 125; 221-226; ELG; p. 264, 265). O modo de organização do sistema é realizado por meio do tempo estruturado em dois eixos: eixo diacrônico, por acumulação, e eixo sincrônico, por sucessão (CHOI, 2002). O processo de (re)elaboração dos valores é a atividade principal dos sistemas. Seu produto final é o sentido, ou melhor, os sentidos possíveis em cada interação de linguagem mediada pelos signos. É nesse ponto que a língua é discurso, já que a “língua, simples repertório de conceitos isolados, separada do discurso (da fala) é uma abstração” (ANAGRAMAS, p. 12).

O termo *valor*<sup>4</sup>, comum nas ciências matemáticas e nos estudos sobre economia, é revestido de uma acepção ligada ao funcionamento sistêmico. Se-

---

<sup>4</sup> A brevidade deste artigo não nos permite discutir de modo apropriado a influência da Semântica de Michel Bréal na teoria do valor saussuriana (BRÉAL, 1897/1992).

gundo Bouquet, em meados do século XVII surgiu na França os dicionários de sinônimos. Esses dicionários eram organizados baseados na ideia de que não há sinônimos absolutos. Eles se concentravam não na definição das palavras, mas no uso que a comunidade linguística fazia delas. Saussure faz uso de exemplos de um dos dicionários de sinônimos de sua época, mais especificamente da lista encontrada no dicionário do abade Girard para exemplificar sua teoria do valor linguístico (CLG, p. 135; BOUQUET, 2000, p. 185, nota).

A escolha dos exemplos feita por Saussure revela um pouco sobre o conceito do termo *valor*, como usado por ele, em uma vinculação necessária ao termo *sistema*. Saussure tinha em mente que os signos, união do significante e do significado, podiam se revestir de um valor que alteraria sua significação inicial, não de modo radical e permanente, mas de forma contínua no (1) tempo sincrônico e nos espaços sociais que resultaria em transformações perceptíveis no (2) tempo diacrônico e nos espaços geográficos (CLG, p. 136, p. 199-201). Cada intersecção entre os eixos temporais e os espaços resultaria em um modo específico de (re)elaborar os valores.

Por exemplo, partindo da intersecção entre o eixo sincrônico e os espaços sociais, a palavra *trabalho*, em nossa língua, pode vir a ser usada para significar no mínimo três valores associados entre si pela memória de um significado semelhante e ativada por um significante (CLG, p.150; ANAGRAMAS, p. 15): (1) a ocupação profissional de uma pessoa; (2) um dado esforço ou a labuta durante um processo ou experiência; e também (3) o produto final de um projeto ou obra. As diferenças delimitam ideias próximas, ou, dito de outra forma, os valores delimitam-se reciprocamente e formam um sistema de valores marcados pela semelhança (traços de permanência) e diferenças (traços de mudança). Sobre os sistemas de valores lemos:

Todos os valores parecem estar regidos por esse princípio paradoxal. Eles são sempre constituídos: 1° por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar; 2° por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa (CLG, p. 134, grifos do autor). Entretanto, é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores* (ELG, p. 30, grifos do autor).

O fato de os valores existirem sempre em relação aos demais que formam o sistema, como dito na citação acima, é próprio da sua natureza negativa e

diferencial. Não há valores positivos, mas valores que existem apenas em relação aos demais valores que formam o sistema. Sobre o emprego do plural em sânscrito e em francês Saussure afirma: “seu valor, pois, depende do que está fora e em redor deles” (CLG, p. 134, 135). Isso decorre do princípio da arbitrariedade que atua em seu mais alto grau no sistema linguístico produzindo valores, ou seja, sem relação com a materialidade, mesmo uma materialidade conceitual que possa limitar a constante produção de valores. Desse modo, os valores são *puros* devido a intensidade em que o princípio da arbitrariedade atua nos signos permitindo que estes possam continuar como identidades significantes capazes de vir a significar continuamente, no constante processo de atualização discursiva da linguagem (CLG, p. 135). Podemos ler: “Quando se chega, em terceiro lugar, às ciências que se ocupam, não mais do valor que tem raiz nas coisas, mas de valor *arbitrariamente fixável* (semiologia) = signo arbitrariamente fixável (linguística)” (ELG, p. 287, grifos do autor). Ainda, sobre o princípio da arbitrariedade e os sistemas de escrita Saussure escreve:

Mas a linguagem e a escritura não são BASEADAS numa relação natural das coisas. Não há relação alguma, em momento algum, entre um certo som sibilante e a forma da letra S e, do mesmo modo, não é mais difícil a palavra cow do que a palavra vacca para designar uma vaca” (ELG, 2002, p.181).

Os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras. [...]. Como o signo gráfico é arbitrário, sua forma importa pouco, ou melhor, só tem importância dentro dos limites impostos pelo sistema (CLG, p. 139).

Fatores como o material simbólico, o modo de significação e o traço de materialidade (simbólica ou não-simbólica), implicam mudança no grau de arbitrariedade de cada sistema semiológico. Supomos, portanto, que essa diferença altera de forma significativa a constante produção de valores nos sistemas de escrita, já que esta depende diretamente da arbitrariedade dos signos (CLG, p. 35).

Resumindo, como observamos, a *natureza* negativa e diferencial dos sistemas está baseada no *princípio* da arbitrariedade de suas unidades. A *função* primeira dos sistemas semiológicos é a (re)elaboração de valores, que são, por natureza, forjados pela negatividade e diferença, pois, “considerada de qualquer ponto de vista, a língua não consiste de um conjunto de valores *positivos* e *absolutos*, mas de um conjunto de valores negativos ou de valores relativos

que só têm existência pelo fato de sua oposição” (ELG, p. 71, grifos do autor). Ainda, sobre a constante (re)elaboração de valores observamos:

A cada signo existente vem, então, SE INTEGRAR, se pós-elaborar, um valor determinado [...], que só é determinado pelo conjunto de signos presentes ou ausentes no mesmo momento; e, como o número e o aspecto recíproco e relativo desses signos mudam a cada momento, de uma maneira infinita, o resultado dessa atividade, para cada signo, e para o conjunto, muda também a cada momento, numa medida não calculável (ELG, p. 80).

Saussure se refere a um conjunto de signos presentes e ausentes capazes de determinar o valor de um signo em um dado momento. Tal determinação é volátil já que o “resultado dessa atividade”, ou funcionamento, está em mudança contínua. Toda variação/mudança ocorre dentro de certos limites, o que impede que a língua se transforme de modo radical, afetando a comunicação. Lemos na edição de 1916:

A propagação dos fatos de língua está sujeita às mesmas leis que regem qualquer outro costume, a moda, por exemplo. Em toda massa humana, duas forças agem sem cessar simultaneamente e em sentidos contrários: de um lado, o espírito particularista, o “espírito de campanário”; de outro, a força de intercurso, que cria as comunicações entre os homens (CLG, p. 238).

Desse modo, o *funcionamento* do sistema linguístico é descrito de modo a conservar o frágil equilíbrio entre permanência, mudança e variação na constante (re)elaboração de valores. Ao escrever sobre as modificações históricas da lenda o pesquisador as descreve como uma “vontade de permanecer de outro modo na tradição” (ANAGRAMAS, p. 15).

A atividade sistêmica, seu funcionamento, ocorre por meio das relações sintagmáticas e das relações associativas. A atividade dos signos em cada uma das relações ocorre de modo a conservar a (re)elaboração de valores. As relações sintagmáticas organizam a atividade dos signos na linearidade que o tempo impõe aos significantes. São construídas na presença, por meio das relações de contiguidade estabelecida entre os signos. Elas funcionam como um estofa que barra as incalculáveis possibilidades de combinação entre os valores (CLG, p. 142). A existência desta “linha”, o sintagma, denuncia a existência de apensos, relações associativas em que a atividade dos signos é organizada

na ausência. Em cada unidade do sintagma, podemos encontrar uma ou mais coordenações associativas construídas na ausência. As relações associativas são supostas ou percebidas apenas pelo elo de ligação com o sintagma que lhe serve de estofo, simultaneamente os valores existentes na ausência alimentam, insuflam e determinam o sintagma (CLG, p.148-152).

Na pesquisa com o texto escrito Saussure supõe certo modo de funcionamento similar ao descrito para o sistema de língua baseado na observação das línguas naturais. Porém, como veremos adiante, as anotações do pesquisador deixam questões abertas, como por exemplo: Como atua o princípio da arbitrariedade nos sistemas de escrita? Qual(is) o(s) modo(s) de (re)elaboração de valores nos textos escritos? Os anagramas são um modo de funcionamento de qualquer sistema de escrita ou apenas do texto poético/literário?

### 3. Escrita e o componente anagramático dos textos

A escolha dos documentos que serviram de base para a nossa reflexão não foi uma escolha fortuita, mas ocorreu em razão da pesquisa dos anagramas explorarem o tema de um modo específico, já que partem da escrita literária, permitindo-nos entrever, de um ângulo privilegiado, a reflexão saussuriana acerca da especificidade da escrita e dos textos a partir de esquemas formais ou poéticos dos significantes e dos processos de simbolização que ocorrem na operação anagramática.

Não estamos afirmando, no entanto, que Saussure tinha a intenção de escrever uma teoria sobre os sistemas de escrita ou de desenvolver um método de análise textual, nem tampouco que os exercícios de versificação são um método de análise literária. A princípio, todas as questões levantadas nesses documentos estão ligadas ao texto literário e apenas poucos textos em prosa (ANAGRAMAS, p. 12, 78, 79). As implicações para o sistema de linguagem desta pesquisa são nosso foco de estudo. Portanto, assumimos que as leis e princípios encontrados por Saussure nos textos latinos permitem compreender a relação entre linguagem, escrita e textualidade (RASTIER, 2005, 2014).

Partir dos textos referentes à pesquisa com os anagramas para realizar uma leitura global da filosofia/teoria saussuriana é possível quando constatamos que as dezenas de cadernos preenchidos com exercícios de leitura dos versos latinos (1906 a 1909) são estudos contemporâneos aos estudos dos *Niebelugen* que se estenderam até 1911 e aos três cursos ministrados em Genebra (1906-1910)

que deram origem ao CLG. Ao mesmo tempo, todas as pesquisas e estudos do professor possuem uma harmonia interna que nos obriga a traçar paralelos entre os diferentes documentos. Por exemplo, sobre os paralelos entre as diferentes pesquisas podemos observar que o termo *discurso* assemelha-se aos termos: (1) *língua* em diferentes contextos de uso que determinam de algum modo o espaço social da comunicação por meio das relações sintagmáticas, na linearidade do significante; (2) *fala*, entendida como realização concreta do sistema de língua através dos mecanismos de produção de sentido, as relações sintagmáticas e as relações associativas. Por razões desta ordem, acreditamos que é possível observarmos, por meio dos anagramas, leis ou princípios gerais de funcionamento que são comuns a todos os sistemas semiológicos, em especial os sistemas de escrita e os textos (ANAGRAMAS, p. 12, 18, 34, 35, 81, 85, 95).

Entendemos que nos cadernos de leitura do texto latino, Saussure desenvolve uma teoria sobre a produção do texto poético em língua latina. Sua teoria está baseada em um componente organizador que ele chamou de *anagrama*, *hipograma*, *paragrama*, *logograma*. A terminologia usada sofre algumas variações no decorrer do trabalho com o objetivo de recobrir com maior precisão as especificidades do material encontrado (ANAGRAMAS, p. 21-25). Falaremos apenas do termo *anagrama* para nos referir ao componente organizador do texto.

O termo *anagrama*, desse modo, refere-se à repetição de certos grupos de fonemas dentro de um verso. Saussure descobre que essas repetições revelam a existência de uma palavra ou uma sequência de palavras que não aparecem na superfície do verso, mas que surgem por baixo do texto. Saussure chamou a atenção para como o quadro fonético dessa palavra ausente do texto, de algum modo, parecia organizar todas as ocorrências da sequência fônica espalhada ao longo do texto, como uma espécie de programação (ANAGRAMAS, p. 37-40). Às vezes, o anagrama redobra uma palavra presente no texto da superfície. Às vezes define o tema poético no qual a passagem é construída. Às vezes o tema da palavra está latente (ANAGRAMAS, p. 47-55, 57-73). Saussure resume: “Este nome, que não é pronunciado no texto, torna-se o tema de uma cadeia ininterrupta de anagramas – mas que é construída de uma maneira particularmente clara” (ANAGRAMAS, p. 39).

Os *anagramas* são apropriadamente definidos como *palavra-tema* do discurso poético (ANAGRAMAS, p. 18, 34, 40). A palavra-tema existe na ausência e é a base ou o modo de produção do verso, o algoritmo do sistema. Saussure afirma:

[...] em um tal sistema não se pode falar dos anagramas como de um jogo acessório da versificação, eles se tornam a base, quer o versificador queira quer não [...] fazer versos com anagrama é, forçosamente, fazer versos segundo o anagrama sob o domínio do anagrama (ANAGRAMAS, p. 23).

De que modo o *anagrama* exerce domínio? A palavra-tema que está em apenso sob os versos, antecede e guia o produtor/leitor textual (CLG, p. 150). Como Saussure explica, ela se apresenta na repetição de elementos fônicos presentes no texto e não em uma palavra antecedente estranha ao próprio discurso. Como, por exemplo, no estudo do canto II da *Eneida*, Saussure destaca que nos versos 268 e 297 a palavra-tema é H-e-i-t-o-r surge nos versos como motivo ou tema condutor da criação poética (ANAGRAMAS, p. 40, 92-95, 102). A palavra-tema é produtora das combinações específicas que permitem cada sistema de versos particular, mecanismo gerador do próprio discurso poético, podendo em um texto ser possível observar sistemas de anagramas que cooperam para produção de sentido do texto escrito (ANAGRAMAS, P. 33-40; 75-77).

O anagrama é descrito como uma operação de natureza dupla. (ANAGRAMAS, p.132). Poder ser dobrado em dois resulta numa identidade singular, ou seja, numa identidade semiológica, onde a dobradura final revela a identidade única, ímpar do verso. O movimento de desdobrar-se de uma sílaba poética para outra, de um verso para outro, de um texto para outro, revela um deslizamento contínuo pela via da alteridade que é o próprio funcionamento discursivo e da linearidade dos significantes, nas palavras de Saussure, “o fio das sílabas” (ANAGRAMAS, p. 95).

Ao explicar os movimentos ou o funcionamento do texto, Saussure fala de duas leis correlacionadas: a lei do acoplamento silábico e a lei de compensação do verso. A lei geral de acoplamento silábico indica que o número final de sílabas do verso é sempre um número par devido ao acoplamento das sílabas. Por sua vez, a lei de compensação do verso garante que o cálculo final resulte em um número par, pois um verso se apoia no verso seguinte, impedindo que o resultado final seja ímpar. De fato, a lei da compensação declara que o verso anterior é autenticado pelo seguinte (ANAGRAMAS, p. 26; LACAN, 1998, p. 505-506; LACAN, 1999, p. 527, 528). Em carta datada de 14 de julho de 1906 Saussure explica:

[...] se há um resíduo irreduzível qualquer, quer nas vogais, o que acontece necessariamente se o número das sílabas do verso for ímpar; [...] vemo-lo então reaparecer no verso seguinte como novo resíduo correspondente à sobrecarga do precedente (ANAGRAMAS, p. 18).

Uma sílaba está, desde que surge, ligada a outra que ainda há de vir, implicando “forçosamente um resto, que a vogal que permanece isolada seja compensada no verso seguinte” (ANAGRAMAS, p. 19). Do mesmo modo, um verso só está completo por meio do verso seguinte, gerando uma cadeia de sucessão, semelhante a uma linha (linearidade), em que o texto está apenas à espera do seguinte, mas é gerado por um texto ainda ausente de modo semelhante ao funcionamento das relações sintagmáticas e associativas (ANAGRAMAS, p. 34-37).

Esta relação de interdependência que permite a continuidade do movimento linear, é em si mesma, o funcionamento geral de produção textual. Seu papel, portanto, é essencial para o arranjo discursivo, pois detém a própria potencialidade do discurso poético. Saussure apresenta um exemplo interessante na leitura do verso de Livius e o compara à poesia védica e germânica na tentativa de encontrar dados suficientes para pensar que o fenômeno não está restrito à escrita em língua latina (ANAGRAMAS, p. 26-30). Qual a consequência desta constatação? Há duas hipóteses gerais possíveis, segundo Saussure.

A primeira, seria que, se o fenômeno é natural, deve ser encontrado em todos os sistemas de escrita e nos diversos gêneros de textos escritos, não apenas no literário. Caracterizando um fenômeno natural da escrita, seria um princípio gerador dos textos que organizaria as interações escritas de modo a sempre escapar da intenção/consciência do sujeito que escreve. (ANAGRAMAS, p. 80). Confirmada a hipótese, caberia ao pesquisador compreender como o funcionamento do fenômeno na relação mente/linguagem.

A segunda hipótese, seria que o anagrama é um exercício de ordem social e não um fenômeno. Ao se constatar que o componente anagramático está presente na escrita de outros idiomas, como tentou verificar Saussure, a resposta está na influência da língua latina em outras línguas, uma espécie de interferência linguística como a descrita por Uriel Weinrich (1953). Escrever em latim seria escrever sob o domínio do anagrama, uma tradição que teria se infiltrado em outros sistemas de escrita no decorrer das épocas. Em outras palavras, Saussure teria observado em sua pesquisa a forma como práticas específicas de escrita foram internalizadas e realizadas numa dada época por determinado grupo

social, sendo adquiridas e alicerçadas pela força da interação social, que teria “transmitido como uma combinação infalível e inseparável de toda composição literária através dos séculos e dos meios mais diversos conhecidos pela cultura e tradição latina” (ANAGRAMAS, p. 81, 86, 91, 92; CLG, p. 238-245; ELG, p. 268-280).

O próprio Saussure lembra o uso de algo semelhante ao anagrama no vaticínio, composições poéticas curtas com quatro a oito linhas nas quais a palavra latente corresponderia ao nome do deus invocado como parte dos rituais religiosos e questiona como essa prática inicialmente circunscrita a certos versos de natureza específica e usadas em contextos socioculturais também específicos, tem seu uso ampliado a outros contextos que não apenas o religioso (ANAGRAMAS, p. 42, 75). Caberia, neste caso, investigar como o componente anagramático estaria relacionado à natureza e ao funcionamento dos gêneros de textos escritos e as práticas de escrita e leitura, por exemplo.

Saussure busca a resposta na origem, nas suas palavras, ele está “a interrogar ao monstro e a operar às cegas contra ele” (ANAGRAMAS, p. 17). Conhecer a origem do anagrama poderia modificar completamente o ponto de vista das suas observações sobre a escrita em latim, em especial, a escrita literária. Saussure envia uma carta a um autor para sanar sua dúvida a respeito da possível intencionalidade do fenômeno anagramático. O anagrama é um exercício ou um fenômeno? O autor jamais escreve uma resposta e, aparentemente, este é o motivo do abandono da pesquisa (ANAGRAMAS, p. 103-105).

Independente de qual das hipóteses é a mais aceitável do ponto de vista de Saussure enquanto pesquisador diante da sua descoberta, suas anotações nos revelam o funcionamento de um sistema de escrita e nos convidam a retornar às questões sobre a relação mente/linguagem; as práticas de escrita/leitura; textualidade e discursividade, agora, do ponto de vista semiológico. A pesquisa de Saussure nos deixa algumas perguntas importantes para a compreensão da teoria/filosofia da linguagem, por exemplo: (1) Como a textualidade se desenvolve nos sistemas semiológicos de escrita? (2) Qual a relação estabelecida entre língua, discurso e sentido nos sistemas de escrita? (3) O que revela sobre o funcionamento dos sistemas semiológicos de textos escritos?

## **Os sistemas semiológicos de escrita, considerações**

Iniciamos nosso diálogo com duas questões gerais que envolvem a escrita compreendida como sistema semiológico, a saber: Qual é o desdobramento

da teoria/filosofia saussuriana para os estudos sobre a linguagem e a escrita? A qual noção de textualidade podemos nos referir quando tratamos do texto escrito a partir da Semiologia? Escolhemos iniciar nossa reflexão a partir dos documentos publicados por J. Starobinski (1971) porque apresentam a pesquisa de F. de Saussure sobre a escrita literária em latim. São estudos conhecidos pelo seu componente principal, o *anagrama*. Acreditamos que os anagramas revelam as regras gerais, os mecanismos de funcionamento e a produção de sentido(s) existente por meio dos sistemas de escrita a partir da leitura da poesia latina, em especial.

Assumir o ponto de vista semiológico implica outra compreensão sobre a formação dos textos, seus mecanismos de funcionamento e as formas de interação social por meio dos signos. O funcionamento do componente anagramático parece-nos dizer que o discurso existe como meio e fim de um processo permanente em que linguagem e sujeito falante estão imbricados numa dualidade que produz a identidade dos textos e dos discursos, um sentido ímpar (ARRIVÉ, 1994; 1999; 2007). O sistema de escrita, desse modo, seria construído a partir de três dobraduras iniciais: o princípio da arbitrariedade dos signos; o valor produzido em cadeias (relações associativas e relações sintagmáticas); a linearidade do significante.

A primeira dobradura é a da arbitrariedade do signo semiológico (ANAGRAMAS, p. 20,26). Sem a arbitrariedade, todo sistema semiológico passa a ser apenas forma. O que percebemos como importante para Saussure quando trata do texto literário é a atividade do produtor de sentido (ANAGRAMAS, p. 16). Essa questão está colocada para Saussure em todas as suas pesquisas, mas quando trata do texto literário, a intencionalidade parece desafiar o princípio da arbitrariedade. O caráter arbitrário da relação significado/significante permite diversas combinações possíveis no mesmo fragmento de um texto. É necessário, como já apontado, averiguar em que medida (grau) o arbitrário está presente nos sistemas de escrita (ANAGRAMAS, p. 79).

A segunda dobradura é a do valor linguístico (re)elaborado na relação entre as cadeias associativas e as cadeias sintagmáticas. A palavra-tema a que Saussure se refere em suas anotações funciona na escrita, de modo similar à descrição feita das relações associativas e sintagmáticas no sistema de língua. Ambos os sistemas possuem uma existência semelhante a de um rio que corre por baixo da terra. Só sabemos da sua existência por indícios ou marcas deixadas na superfície. Cada anagrama encontrado no texto, ao modo das relações sintagmáticas, revela um significante antecedente que permite certo número

de combinações ao mesmo tempo que barra as demais, fazendo-se de estofa (ANAGRAMAS, p. 40).

A terceira dobradura é a da linearidade distribucional do significante e o deslizamento discursivo em cadeias. Transbordar, escapar, deslizar. O princípio da linearidade do significante permite o movimento que faz um verso ligar-se ao seu par num movimento contínuo, signo a signo. A lei do acoplamento silábico e da compensação do verso demonstra a capacidade de movência de sentidos que liga ou referencia os textos escritos e os discursos. Sem este fato, não existe atualização da língua em discurso e a língua seria apenas abstração. (CLG, p. 131; ANAGRAMAS, p. 12, 94).

A figura final ou a positividade resultante da dupla negatividade e diferença é o próprio processo ou operação de atualização da língua em discurso que se organiza na dobra entre o deslizamento da cadeia significante e significada.

Como podemos perceber, a existência dos anagramas na escrita dos textos poéticos analisados por Saussure sublinha o funcionamento dos sistemas de escrita e dos textos gerados a partir de sua atividade semiológica, são sistemas de valores, e, portanto, capazes de permanecer e se modificar ao longo do tempo (sincronia /diacronia), dos espaços (sociais/geográficos), dando origem à textualidade.

Entendemos, portanto, que um texto é referenciado por outro a partir de suas diferenças e semelhanças, criando cadeias discursivas relativas organizadas na linearidade /contiguidade e nas oposições/semelhanças em cadeia (*valor*), fato este que lhes dá especificidade por produzir sentido. Ainda nos perguntamos, todavia, qual a ordem da relação entre os sistemas língua/escrita na produção de valores (atividade discursiva) considerando a materialidade dupla dos sistemas de escrita (signo acústico/gráfico), os esquemas de utilização desses sistemas e os usos validados pelas interações sociais (RABARDEL, 2014, p. 239).

A pesquisa de F. de Saussure sobre o texto escrito nos aponta caminhos para o estudo dos sistemas de escrita que ainda não foram percorridos. Para esse fim, precisamos inicialmente compreender: (1) o desenvolvimento dos processos de simbolização e como eles revelam o trabalho dos significantes na cadeia discursiva e as possíveis implicações para noção geral de sistema semiológico (ANAGRAMAS, p. 113); (2) de quais modos e em quais níveis os sistemas de signos produzem/permitem as diversas formas de interação social mediada pelos sistemas de escrita; (3) qual noção de textualidade está presente na reflexão saussuriana e quais suas consequências para os estudos sobre a linguagem.

## Referências

- ARRIVÈ, Michel. **Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente:** Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, trad. Lucy Magalhães, 1999.
- ARRIVÈ, Michel. **Linguística e psicanálise.** São Paulo: EDUSP, trad. Mário Laranjeira, 1994.
- ARRIVÈ, Michel. **Em busca de Ferdinand de Saussure.** São Paulo: Parábola, 2007.
- BACON, Francis. **Novo órgãoon.** São Paulo: EDIPRO, 2014 [1620].
- BASÍLIO, R.; PEREIRA, R. C. M.; MENEZES, R. de L. C. de. A epistemologia científica que subjaz aos estudos da linguagem no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo. **DELTA.** v. 32, n. 2, 2016, p. 405-425.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure.** São Paulo: trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco, Cultrix, 2000.
- BRÉAL, Michel. [1897]. **Ensaio de Semântica.** São Paulo: Fontes/Educ, trad. F.Áida et al., 1992.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos.** Por um interacionismo socio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.
- BRONCKART, J. P. L'analyse du signe et la genèse de la pensée consciente. **Cahiers de l'Herne.** n.76, 2003, p. 94-107.
- BRONCKART, J. P. Les diferentes formes d'interaction et leur statut dans une science du langage: réflexions et questions. **Caledoscópio.** n. 2, p. 64-155, mai. 2010.
- BRONCKART, J. P. A obra saussuriana e a ciência do homem. In: BRONCKART, Jean-Paul, BULEA, Ecaterine & BOTA, Cristian (org.), **O projeto de Ferdinand de Saussure.** Trad. Marcos Bagno. Fortaleza: Parole, p. 404-418, 2014a
- BRONCKART, Jean-Paul, BULEA, Ecaterine & BOTA, Cristian (org.), **O projeto de Ferdinand de Saussure.** Fortaleza: Parole, trad. Marcos Bagno, 2014b.

- BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. Dinâmica e sociabilidade nos fatos de linguagem. In: BRONCKART, Jean-Paul, BULEA, Ecaterine & BOTA, Cristian (org.). **O projeto de Ferdinand de Saussure**. Fortaleza: Parole, trad. Marcos Bagno, p. 232-258, 2014c.
- CHOI, Yong-Ho. **Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure**. Paris: L'Harmattan, 2002.
- COURSIL, J. Idiosynchronie: programme saussurien de la langue. Communication donnée dans la session de Gabriel Bergounioux, La linguistique à partir du CLG : Empirie et théorie, au colloque **Le Cours de Linguistique Générale, 1916-2016. L'émergence**, Paris, 15-17, juin 2016. Disponível em: . Acesso em: junho de 2018.
- DOSSE, F. **História do estruturalismo: o campo do signo**. Bauru: Edusc, v. 1, trad. Álvaro Cabral. 2007.
- D'OTTAVI, GIUSEPPE. Saussure e a Índia: a teoria do apoha e as entidades negativas da linguagem. In: BRONCKART, Jean-Paul, BULEA, Ecaterine & BOTA, Cristian (org.), **O projeto de Ferdinand de Saussure**. Fortaleza: Parole, trad. Marcos Bagno, p. 205-231, 2014d.
- MOITA-LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORE, I.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado das Letras, p. 113-128, 1998.
- NORMAND, Claudine. **Saussure**. Paris: Les Belles Lettres, 2000.
- NORMAND, Claudine . **Convite à linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.
- NORMAND, Claudine. **Petite grammaire du quotidien: paradoxe de la langue ordinaire**. Paris: Hermann Psychanalyse, 2010.
- FEHR, Johannes. **Saussure entre linguistique et sémiologie**. Paris: PUF, 2000.
- GODEL, Robert. **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure**. 2 ed. Genebra: Librairie Droz S. A, 1969.
- KIM, Sung-Do. La raison graphique de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure: Revue suisse de linguistique générale**. n. 61, p, 23-42, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/281961>. Acesso em maio de 2018.
- KYHENG, Rossitza. Principes méthodologiques de constitution et d'exploitation du corpus saussurien. **Texto**. v. XII, n. 2,avr. 2007. Disponible sur : [http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur\\_Saussure/Kyheng/Kyheng\\_Corpus-saussurien.html](http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Kyheng/Kyheng_Corpus-saussurien.html). Acesso em março de 2018.

- KOMATSU, Eisuke; HARRIS, Roy (eds.). **Troisième cours de linguistique générale (1910-1911) d'après les cahiers d'Emile Constantin**. Oxford: Pergamon Press, 1993.
- LACAN, Jacques. **Ecritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, trad. Vera Ribeiro, 1998a.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, trad. Vera Ribeiro, 1999.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, trad. M.D. Magno, 1998b.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, trad. de M.D. Magno, 1985.
- LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, trad. Vera Ribeiro 2003.
- LOPES, Edward. **A identidade e a diferença**. São Paulo: Edusp, 1997.
- MAURO, Tullio de. Notas. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. 4 ed. Paris: Payot, 1995.
- MAURO, Tullio de. **Une introduction a la sémantique**. Paris: Payot, trad. de Louis-Jean Calvet, 1969.
- NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Saussure*. Paris: Les Belles Lettres, 2000.
- POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2007 [1934].
- RABARDEL, Pierre. **Les hommes et les technologies; approche cognitive des instruments contemporains**. Paris: Univ-Paris8, p. 239-151, 2014. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01017462>. Acesso em maio de 2018.
- RASTIER, François. Saussure au futur: écrits retrouvés et nouvelles réceptions. **Texto**. mars 2005. Disponible sur: [http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur\\_SaussureRastier\\_Saussure.html](http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_SaussureRastier_Saussure.html). Acesso em maio de 2018.
- RASTIER, François. Saussure e a ciência dos textos. In: BRONCKART, Jean-Paul, BULEA, Ecaterine & BOTA, Cristian (org.), **O projeto de Ferdinand de Saussure**. Fortaleza: Parole et Vie, trad. de Marcos Bagno, p. 378-403, 2014e.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Ecritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco, 2004.

- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- SOFIA, E. Système et systématique chez Ferdinand de Saussure. **Linx**. Paris: 2017, p. 129-148. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/1748>. Acesso em junho de 2018.
- STAROBINSKI, J. **As palavras sob as palavras**: os anagramas de Ferdinand Saussure. Trad. brasileira de Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- TURPIN, B. **Discours, langue et parole**. Une comparaison entre la réflexion sur les anagrammes et les études sur les légendes, 1995. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/1173>. Acesso em março de 2018.

Recebido em 18 de junho de 2018

Aceito em 22 de outubro de 2018.